

# “MARIA”: REESCRITURAÇÃO E CENA ENUNCIATIVA EM UM CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

*Marise Rodrigues Guedes (UESC)*  
[mariseguedess@hotmail.com](mailto:mariseguedess@hotmail.com)

## RESUMO

O objetivo geral deste artigo é apresentar o funcionamento semântico do conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016), através dos procedimentos semânticos de reescritura e de constituição da cena enunciativa (GUIMARÃES, 2011; 2013). Como objetivos específicos traçou-se: apresentar os sentidos acrescentados por reescritura à personagem Maria, descrever como se constrói a cena enunciativa no conto, descrever o lugar social dos locutores agenciados pelo Locutor e a perspectiva do dizer dos enunciadores mobilizados na narrativa. A metodologia perseguida apoia-se nos procedimentos de análise semântica de textos (GUIMARÃES, 2011). Para análise da reescritura, apresentou-se os enunciados do texto, recortados com base nas relações semânticas estabelecidas entre elementos reescriturados e reescrituradores. Na análise da cena enunciativa, recortou-se os enunciados com base nas vozes que compunham o espaço enunciativo. Como resultados, observou-se que as reescrituras de Maria fazem-na progredir de uma Maria cansada, mas viva, para uma Maria que é apenas mais um corpo feminino e negro estendido no chão diante de uma sociedade preconceituosa e de um Estado omissivo. A constituição da cena enunciativa no conto “Maria” demonstra que os locutores falam de um lugar social marcado pelo preconceito e pela violência: um lugar de mulher negra, que autoriza as demais vozes que enunciadas no texto e desvelam, através da literatura, a face opressora da sociedade.

### Palavras-chave:

Conto. Conceição Evaristo. Análise semântica de texto.

## RESUMEN

El objetivo general de este artículo es presentar el funcionamiento semántico del cuento “María”, de Conceição Evaristo (2016), a través de los procedimientos semánticos de reescritura y constitución de la escena enunciativa (GUIMARÃES, 2011; 2013). Como objetivos específicos se trazó: presentar los significados agregados por la reescritura al personaje María, describir cómo se construye la escena enunciativa en la historia, describir el lugar social de los locutores manejados por el Locutor y la perspectiva del locutor. enunciadores movilizados en la narrativa. La metodología seguida se apoya en los procedimientos de análisis semántico de textos (GUIMARÃES, 2011). Para el análisis de la reescritura, se presentaron los enunciados del texto, recortados en base a las relaciones semánticas que se establecen entre los elementos reescritos y reescritos. En el análisis de la escena enunciativa, los enunciados fueron recortados a partir de las vozes que componen el espacio enunciativo. Como resultado, se observó que las reescrituras de María la hacen progresar de una María cansada pero viva, a una María que es solo otro cuerpo negro y femenino tirado en el piso frente a una sociedad prejuiciada y un estado omitido. La constitución de la escena enunciativa

va en el cuento “María” demuestra que los hablantes hablan de un lugar social marcado por el prejuicio y la violencia: un lugar de mujeres negras, que autoriza las otras voces que se enuncian en el texto y revelan, a través de la literatura, el rostro opresor de la sociedad.

**Palabras clave:**

**Cuento. Conceição Evaristo. Análisis semántico de texto.**

## **1. Introdução**

Neste artigo apresentaremos o funcionamento semântico do conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016)<sup>1</sup>, através dos procedimentos semânticos de reescrituração e de constituição da cena enunciativa. Para esta análise, recortaremos apenas as reescriturações que constroem sentidos à personagem principal, homônima ao conto. Quanto à cena enunciativa, apresentaremos como se dá a sua configuração ao longo da narrativa.

A partir dos fundamentos teóricos da Semântica da Enunciação proposta por Eduardo Guimarães, compreendemos que a cena enunciativa diz respeito ao agenciamento enunciativo, no qual um Locutor se divide em lugares sociais que lhe autorizam o dizer, a partir de determinadas perspectivas enunciativas. O procedimento semântico da reescrituração, por sua vez, é definido como o modo pelo qual palavras e expressões presentes no texto são reditas de diversas formas, proporcionando movimentos de retomada e acrescentando sentidos que conferem unidade ao texto.

Destacamos, dentro dessa perspectiva, que a concepção de texto perseguida neste trabalho parte do entendimento de que a relação de integração entre um enunciado e outros do texto se dão através de laços de sentido que nele ocorrem de forma não segmental e não linear, os quais o constituem como unidade de sentido. Assim, conforme Guimarães (2011, p. 22-3) as relações de sentido “(...) são normalmente transversais, sobrepostas, etc. (...) O sentido dos enunciados é esta relação de integração.”.

---

<sup>1</sup> Mulher, negra, professora e escritora. A autora septuagenária Maria da Conceição Evaristo de Brito, natural de Belo Horizonte, é romancista, contista e poeta, sendo uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. O conto *Maria* integra a obra *Olhos D’água*, e todos os recortes ou enunciados (E) aqui apresentados possuem como referência Evaristo (2016, p. 39-42).

Guimarães (2013, p. 197) afirma que “(...) não se pode analisar um texto sem levar em conta seu próprio modo de enunciação e aquilo que ele estabelece pelo funcionamento de suas formas de linguagem (...)”. Assim, além de apresentar os sentidos acrescentados por reescrituração à personagem Maria, tencionaremos demonstrar como se constrói a cena enunciativa no conto, trazendo o lugar social dos locutores agenciados pelo Locutor, bem como a perspectiva do dizer dos enunciadores mobilizados na narrativa. Tecemos nossa análise dos lugares sociais de mulher negra e estudante-trabalhadora e, sobretudo, de leitora semantista.

O *corpus* da análise trata-se do conto “Maria”, narrativa da história de uma mulher homônima que, ao terminar um dia de trabalho doméstico na casa de uma família, toma um ônibus rumo à sua casa para encontrar-se com os filhos e levar-lhes os restos de comida de uma festa ocorrida na casa da patroa. No entanto, Maria tem a vida ceifada por um linchamento cometido por outros passageiros do transporte, após ser, equivocadamente, acusada de comparsa de um dos assaltantes: seu ex-marido e pai do seu primogênito.

Para a análise de como ocorre o funcionamento semântico do conto de Evaristo (2016) por meio do procedimento de reescrituração, apresentaremos enunciados que integram o texto, os quais serão recortados com base nas relações semânticas que expressões, palavras e/ou enunciados reescriturados e reescrituradores estabelecem entre si e com o todo no texto em estudo. Já para a análise da constituição da cena enunciativa, recortaremos os enunciados com base nas vozes que compõem o espaço enunciativo. De forma geral, aos enunciados será atribuída a letra E seguida de números cardinais em ordem crescente (E1, E2, E3), os quais indicam não a sequência em que os enunciados aparecem no texto, mas a ordem dos recortes realizados, tendo em vista o desenvolvimento da análise e o movimento dos sentidos.

A seguir, trataremos sobre o procedimento semântico de reescrituração e teceremos análises e discussões sobre os movimentos de construção de sentido de em torno da personagem Maria. Dando continuidade, abordaremos sobre a organização da cena enunciativa e os seus modos de significar, no conto. Por último, exporemos as considerações finais.

## 2. *As reescrituras de Maria*

O procedimento semântico de reescrituração mobiliza pelo menos dois elementos, o reescriturado e o reescriturador ao retomar, apagar, repetir, expandir, condensar ou definir palavras ou expressões que integram um texto (GUIMARÃES, 2009). O mecanismo revela o pertencimento de palavras e expressões a esse texto, à medida que significam por fazerem parte dele, produzindo, dessa forma, a unidade textual. Para além da simples repetição de um elemento ao longo do texto, a reescrituração por repetição demonstra que, ao repetir-se, uma palavra ou uma expressão já não significa da mesma forma, uma vez que outros sentidos lhe foram acrescentados ao longo da trama textual.

De acordo com Guimarães (2009), a reescrituração se constitui por três características principais, quais sejam: a simetria, a transitividade e a não reflexividade. Por simetria, entendemos a relação que uma determinada expressão de um texto estabelece com outra do mesmo texto e vice-versa; por transitividade, compreendemos a relação que uma expressão A estabelece com uma expressão B que, por sua vez, estabelece laços com uma expressão C: a relação de transitividade se dá à medida que C ao reescrever B, se constitui também como a reescrituração de A; já a não-reflexividade diz respeito ao fato de que a repetição de uma expressão ou palavra dentro de um texto não se constitui como mais do mesmo, pois trata-se de uma outra enunciação, ligada à primeira e às outras, mas diferente por trazer consigo novos sentidos, por agregar em si o que já fora dito e, por isso, significar de outra forma.

Nessa perspectiva, recortamos como primeiro enunciado o título do conto, E1 – “Maria”, o qual é reescrito por repetição já no primeiro parágrafo do texto: é o momento em que Maria-título se transforma em Maria-mulher, passageira que precisa do transporte coletivo público para regressar à casa: E2 – “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus.”. Em seguida, o pronome “ela” reescritura por substituição o nome Maria, que em seguida é reescriturado por elipse ( $\emptyset$ ) – apagamento –, e acrescenta informações que nos permitem inferir que Maria é empregada doméstica: E3 – “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. (...)  $\emptyset$  Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa.”. Ao longo do conto, além das elipses, percebemos outras substituições do nome da protagonista pelo pronome pessoal “ela” e consideramos importante para a compreensão da análise do funcionamento semântico desse

texto explicitar as várias reescrituras por substituição que vão acrescentando sentidos à Maria ao longo do texto.

No enunciado que sucede E3, o pronome “ela” faz referência a uma Maria que, pobre e trabalhadora, quer apenas descansar no trajeto do ônibus até a sua casa e, ao chegar, deseja encontrar os filhos e ofertar-lhes as sobras de frutas e de ossos do pernil servidos na festa da patroa. E4 – “Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida.”.

A próxima reescritura por repetição do pronome em E5 – “Ela reconheceu o homem.” – agrega à personagem novas conotações que serão importantes para a progressão textual, sobretudo para o clímax e para o desfecho do conto. Ao reconhecer o homem, Maria também é reconhecida por ele, que paga a sua passagem, senta-se ao seu lado e cochicha algo para ela. A partir desse reconhecimento, os sentimentos da personagem são revelados no enunciado seguinte, que a constrói como uma mulher apaixonada e cheia de saudades da família e da vida feliz que tivera com aquele homem, pai de um dos seus filhos:

E6 – Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. [...] Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

No enunciado seguinte, a repetição de “ela” acrescenta que Maria é mãe de três crianças, as quais cria sozinha, sem o auxílio dos pais ou de qualquer outro companheiro: E7 – “A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também!”.

O próximo enunciado traz mais sentimentos de Maria em relação ao seu ex-companheiro. São sentimentos de felicidade e de infelicidade que ele trazia em suas palavras, mas que refletiam também o que ela sentiu ao reencontrá-lo: E8 – “Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida.” A próxima repetição de “ela” traz à tona a Maria mãe, que mesmo sem ouvir direito o que o homem cochicha, deduz que se trata de uma mensagem do pai para o filho e anseia chegar em casa para contar ao menino: E9 – “Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho.”.

Vejamos o enunciado E10 a seguir:

E10 – O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus.

øImaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

E10 revela uma Maria assustada e preocupada em como seria o futuro dos seus filhos dadas as condições em que viviam, as oportunidades que (não) tinham. O seu medo diante do assalto dá-nos pistas de que se trata de uma pessoa de bom caráter, cuja ligação com um dos assaltantes não tinha qualquer relação com a assalto praticado no ônibus. A partir dessa reescrituração, Maria passa a ser associada à criminalidade por outros passageiros do ônibus. A personagem passa de uma mulher, empregada-doméstica, mãe e ex-companheirado pai do seu primeiro filho, a suspeita de cúmplice de um crime, por ser negra, por ser pobre, por não ter sua sacola de restos e sua mísera gorjeta subtraída pelos assaltantes.

Através das reescriturações de Maria pelo pronome ela citadas e outras que trataremos a seguir, o conto progride de uma protagonista cansada, mas viva, a uma Maria que se transforma em um corpo pisoteado e dilacerado por agressores, até então, passageiros daquele ônibus. A Maria empregada doméstica que só queria chegar em casa e presentear os filhos com um melão, converte-se, na tessitura do conto, na mãe do filho de um dos assaltantes: E11 – “Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho.” A repetição da palavra Maria nesse enunciado encaminha o conto ao seu clímax, pois a partir daí se estabelece uma aproximação entre Maria e um dos assaltantes, o que leva – dado o seu lugar social - os outros passageiros do ônibus a desenharem uma Maria diferente do que ela era em sua simplicidade. A partir de então, as reescriturações de Maria destacam a sua fragilidade naquela situação, enquanto mulher pobre, frente à falta de humanidade de passageiros que tiveram os seus pertences tomados pelo seu ex-companheiro e o comparsa, naquele assalto.

Maria é então reescriturada por “aquela puta safada”: E12 – “Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes” e, à continuação daquelas agressões, à ela é acrescentada sua característica fenotípica: não se trata de uma mulher qualquer, não se trata de uma mulher branca, trata-se de uma mulher negra, na voz de um dos passageiros daquele ônibus: E13 – “Negra safada, vai ver que ø estava de coleio com os dois.” O grito do passageiro reforça a ideia de que Maria, a agora “negra safada”, estava mesmo junto com os dois assaltantes ao reescrevê-la em E14 por “(...) a única a não ser assaltada”.

Ao tentar defender-se negando as acusações, o “Eu” enunciado por Maria em E15 – “Eu não fui e o não sei porque”, atualiza as ofensas dirigidas a ela. Maria retoma divisões de si mesma presentes no texto: quem ela era e quem os outros diziam que ela era - a primeira, a mãe de família, trabalhadora, que teve um filho com um homem, hoje assaltante; a outra, a puta e negra safada que era xingada e humilhada por outros passageiros dentro do ônibus. Talvez Maria soubesse o porquê de não ter tido os pertences roubados, mas ela também sabia que explicitar que um dos assaltantes era pai de seu filho poderia representar a confissão do coleio do qual estava sendo, injustamente, acusada. A relação afetiva de Maria com o assaltante precisa ser silenciada para que não se constitua, aos olhos dos outros passageiros, como um elemento a mais para a sua condenação: a negação de Maria representa um apelo à vida.

As ofensas sofridas pela protagonista se repetem a uma Maria mãe que vê em um dos passageiros no fundo do ônibus o semblante de um de seus filhos e que teme à vida, que agora tem “medo e raiva” ao escutar novamente sobre si: E16 – “Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões.”.

Maria é então reescriturada por definição em E17: “(...) a negra ainda é atrevida.”. O uso da palavra “ainda”, que compõe o enunciado dessa reescrituração de Maria, revela a violência sofrida pela protagonista, uma vez que as palavras carregam memórias de outros enunciados que fazem ecoar a violência e preconceito vivido pelos negros: como se à Maria, acusada por eles de cúmplice de um assalto, não bastasse ser negra, com todas as conotações ruins construídas historicamente em torno do negro em nossa sociedade, era também atrevida, ao tentar não assumir o lugar de submissa, de subserviente, de propriedade de algum senhor de escravo, de culpada por um crime que não cometeu.

De “puta safada” à “negra safada” e “negra atrevida”, Maria é agora reescriturada por substituição por “a passageira”: E18 – “O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira.”. É como se, apenas nesse momento no desenrolar do conto, Maria ganhasse estatuto de igualdade em relação aos outros: tratava-se de uma passageira, como todos os demais. Mas as declarações do motorista não fazem cessar as agressões, agora também físicas, sofridas pela mulher, cujo sangue já se vê em várias partes do corpo.

Como se pode observar nas várias reescriturações por repetição tanto do nome Maria quanto do pronome “ela”, das elipses e de outros

reescrituradores ao longo do texto, a ela-Maria, empregada doméstica, cansada, mas feliz do primeiro parágrafo converte-se em “ela” acuada, amedrontada, sangrando pelo nariz e pela boca do penúltimo parágrafo.

No desfecho do conto, a reescrituração de Maria se dá pelo enunciado E20 “(...) o corpo da mulher (...) todo dilacerado, todo pisoteado” que, em seguida, é reescriturado pelo nome Maria. Em seguida, há uma retomada de E9, através da reescrituração por repetição, na qual o desejo de Maria de chegar em casa é atualizado no texto, retomando o seu início e reforçando a não concretização do descanso almejado, do recado do pai que o menino jamais ouvirá da boca da mãe, atualizando, enfim, o reencontro com os filhos frustrado pela violência que culminou com a morte de mais uma mulher negra: E19 – “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho”. A personagem já não é a mesma do início do conto, é uma Maria dos filhos agora sem mãe.

### **3. *Cena enunciativa em Maria***

A distribuição de vozes no conto é agenciada por um Locutor (L) que, para dizer o que diz, precisa dividir-se ao longo da cena enunciativa: assim, temos algumas divisões de L em locutor (x), onde x representa o lugar social do dizer, isto é, posições de sujeito autorizadas no espaço enunciativo. Esses locutores enunciam de lugares de dizer que simulam a inexistência de um lugar social: é como se L desconhecesse que fala por estar predicado por um lugar social que lhe autoriza o dizer, tornando-se um Enunciador cuja perspectiva pode ser individual, universal, genérica ou coletiva.

O enunciador individual remete a uma subjetividade, isto é, um “eu” que se compreende como a origem do dizer, tomado como pessoa, que afirma “eu” e busca uma desvinculação do seu lugar social. Diferentemente da perspectiva individual, o enunciado genérico representa o dizer de todos e está presente, sobretudo pela força da repetição, em ditados populares. O enunciador universal, por sua vez, diz respeito à perspectiva do dizer que enuncia para todos. Por fim, o enunciador coletivo é a perspectiva do dizer de uma categoria e difere do enunciador genérico por representar uma coletividade específica, agenciada na cena enunciativa.



A primeira divisão de L, no conto, o inscreve no lugar social de mulher, negra, escritora e professora, doravante locutor-escritor: é desse lugar social do dizer que a cena enunciativa é construída no conto *Maria*. Podemos tratar a perspectiva do dizer em relação a esse locutor-escritor, isto é, o seu lugar de dizer como um enunciador universal, já que instaura um destinatário universal, um alocutário-leitor. Assim, observamos que o locutor-escritor não fala para um sujeito específico, mas para todos os possíveis leitores daquele texto, os quais podem realizar sua leitura de diversos lugares sociais e, por isso, mobilizar diversas interpretações sobre a obra literária.

É a partir dessa primeira divisão de L em locutor-escritor que a cena enunciativa vai se desenhando em “*Maria*”, ao autorizar o dizer de outros locutores, dentre os quais: locutor-empregada-doméstica, locutor-mãe, locutor-pai, locutor-assaltante e locutor-passageiro. Além disso, ao longo de todo o conto, temos a presença do locutor-narrador, cuja voz, por vezes, se acopla à de outros locutores, através do discurso indireto livre.

É na voz do locutor-narrador que o conto se inicia e prossegue, com algumas intervenções da voz do locutor-empregada doméstica em discurso indireto livre, apresentando a história desde o momento em que a personagem principal entra no ônibus, até o momento em que os assaltantes entram em cena:

E21 – Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida! (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

A partir da voz do locutor-narrador podemos fazer algumas interpretações sobre o conto. A primeira delas é que, como a grande massa de trabalhadores, Maria necessita do transporte coletivo para voltar para casa, pois mora distante do trabalho. A personagem trabalha como em-

pregada doméstica e não é devidamente remunerada pelo trabalho que exerce: ela não tem dinheiro sequer para comprar remédio para os filhos pequenos, os quais vai alimentar com os restos da patroa. Esses dizeres agenciados pelo locutor-narrador revelam como a condição financeira de Maria traz os rastros da pobreza de sua família, composta por ela e mais de duas crianças. À voz do locutor-empregada doméstica mistura-se a voz do locutor-mãe, desejosa por apresentar a nova fruta – o melão – aos filhos.

No enunciado que segue, o locutor-narrador trata de aspectos da vida íntima de Maria, num jogo de vozes que transita entre o locutor-empregada-doméstica e o locutor-ex-mulher de um dos homens que entra no ônibus. Aspectos da vida íntima do ex-casal são revelados pelo locutor-narrador a partir da inserção da voz do locutor-ex-mulher, a qual destaca o saudosismo do tempo em que estiveram juntos Maria e o ex-companheiro e a dificuldade enfrentada pela trabalhadora em prosseguir a vida com uma crianças em o apoio de um pai. A vida simples, mas feliz que tiveram pode ser inferida pela palavra “barraco”, utilizada para se referir à casa onde viviam, que também com alegria acolheu o filho do casal:

E22 – Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes?(EVARISTO, 2016, p. 39-42)

O locutor-narrador prossegue e introduz na cena enunciativa a voz do locutor-ex-marido que, assim como a voz do locutor-ex-mulher soam no conto de uma perspectiva individual do dizer, uma vez que tanto Maria quanto o homem, seu ex-marido, dirigem-se um ao outro na narrativa, isto é, falam para destinatários específicos:

E23 – E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? [...] Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

O locutor-narrador continua a narrativa, encaminhando o conto ao momento em que a voz do locutor-pai e ex-companheiro de Maria transforma-se na voz de um dos assaltantes (locutor-assaltante) do ônibus, anunciando o assalto e levando os pertences dos passageiros, exceto os de Maria:

E24 – [...] Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

Como no início do conto, a voz do locutor-narrador destaca a condição social de Maria, reafirmando a pobreza de uma mulher e mãe que só teria os restos da patroa a entregar aos assaltantes: uma sacola de frutas que sobraram do jantar do qual ela não participara, os ossos de cuja carne ela não desfrutara. Maria não tinha nada que pudesse encher os olhos dos assaltantes, mas por ser ex-mulher de um deles não teve os pertences roubados:

E25 – O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

Nesse contexto do assalto, são introduzidas na cena enunciativa os dizeres de locutores que ocupam o lugar social de passageiros, os quais compreendemos subdividir-se em duas subcategorias: locutor-vítima e locutor-agressor. Entendemos o lugar do dizer do locutor-agressor de uma perspectiva coletiva, pois a sua fala parte de um lugar que pode ser visto como corporativo, uma vez que representa uma categoria de passageiros de um ônibus que passam a ser vítimas de um assalto:

E26 – [...] Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. [...] Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. [...] Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. [...] Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! [...] Olha só, a negra ainda é atrevida [...] Lincha! Lincha! Lincha! (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

O enunciado E26 funciona como se o lugar de vítima de assalto no qual estão circunscritos todos os passageiros daquele ônibus os autorizasse a dizer o que dizem, convertendo-os em locutor-agressor. E26 traz dizeres circunscritos em uma memória de preconceito e violência que, rememorada, desperta a ira dos demais passageiros do ônibus: essa ira revela-se na exposição da cor de Maria e ao rebaixar a sua condição de mulher ao dirigir-se a ela com a expressão “puta safada”. Esses dizeres corroboram para concretizar a condenação de Maria, com a constatação de que a mulher realmente tinha participação naquele crime, já que apenas ela não teve seus pertences roubados, além de ser uma mulher pobre e negra.

Por sua vez, o locutor-vítima também diz de uma perspectiva de enunciativo coletivo ao enunciar para destinatários alocutários-passageiros, os quais, no espaço enunciativo constituem-se como uma categoria específica, na qual, por um instante, também é inscrita Maria. O locutor-empregada doméstica, de uma perspectiva individual, também faz essa tentativa de situar Maria como tão vítima da situação quanto os demais ao introduzir no texto o dizer E27 – “Mentira, eu não fui e não sei porquê.”. Os dizeres presentes em E27 e E28, a seguir, caminham numa direção contrária à do locutor-agressor, tentando situar Maria num lugar de igualdade em relação aos demais, embora sem sucesso:

E28 – Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. [...]O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

A fala do locutor-vítima, ao pedir calma aos demais passageiros e ao afirmar que fazia parte da rotina de Maria pegar aquele ônibus para ir do trabalho para casa não é acatada pelo alocutário-agressor, como se pode observar na ratificação do enunciado do locutor-agressor: E29 – “Lincha! Lincha! Lincha!”.

Na sequência, a voz do locutor-narrador revela o desfecho da história trazendo a imagem da personagem Maria enquanto vítima de uma cena de extrema violência, a qual desencadeara a sua morte:

E30 – “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que es-

tavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2016, p. 39-42)

Como em outros recortes do texto, a voz do locutor-mãe entre-meia-se à voz do locutor-narrador, trazendo o anseio inicial de Maria ao sair da casa da patroa com os restos das frutas do jantar da noite anterior, como se pode observar em E31: “Será que os meninos gostam de melão?”. A dúvida instaurada pela pergunta do locutor-mãe vai muito além de saber o gosto dos filhos, enseja questões instauradas pela sua condição social: Quais alimentos fazem parte de quais mesas? Quais sujeitos e em que condições têm acesso a (determinados) alimentos? A pergunta do mesmo locutor no enunciado seguinte – E32- “Por que estavam fazendo isto com ela?”- corrobora esses desdobramentos: não por acaso Maria, mulher negra, teve sua imagem associada à figura dos assaltantes; não por acaso, a voz do locutor-empregada doméstica pouco aparece na cena enunciativa. Como as vozes de trabalhadoras e trabalhadores de classes menos abastadas violentados cotidianamente seja pela exploração do seu trabalho, mal remunerado, atrelado socialmente à criminalidade, seja pelas agressões físicas e verbais sofridas cotidianamente, a voz de Maria é silenciada: nada pode dizer e o pouco que lhe é autorizado a pronunciar é um atrevimento. O silenciamento total de Maria, com o seu assassinato, é o produto dos silenciamentos cotidianos daqueles que ocupam lugares sociais assemelhados.

#### **4. Considerações finais**

As reescrituras de Maria no conto permitem-nos ratificar a ideia de que esse procedimento retoma, atualiza e acrescenta sentidos ao texto, sendo um importante recurso para o efeito de todo. Através dos elementos reescriturados e reescrituradores, podemos observar o movimento dos sentidos do texto, os quais são construídos a partir de relações entre as suas partes, pontos próximos ou distantes na composição textual e que, ao mesmo tempo em que integram um texto, são também integrados por ele, significando por seu pertencimento àquela unidade textual.

Diferentemente de sua primeira ocorrência em E1, a Maria do recorte do último enunciado representa, além da mulher trabalhadora, ne-

gra, mãe de três filhos, ex-mulher de um assaltante, mais uma mulher negra vítima de violência, injustiçada, espancada e brutalmente assassinada. As reescrituras de Maria ao longo do texto fazem-na progredir de uma Maria cansada, mas viva, para uma Maria que é apenas mais um corpo feminino e negro estendido no chão diante de uma sociedade preconceituosa e de um Estado omissivo.

A constituição da cena enunciativa no conto “Maria” permite-nos ratificar a não unicidade do texto: primeiramente pelas divisões apresentadas em seu interior, com a presença de diversos locutores que enunciam de lugares sociais e de perspectivas variadas; tais locutores são agenciados por um Locutor que fala de um lugar social marcado pelo preconceito e pela violência social: um lugar de mulher negra, que lhe permite autorizar as demais vozes que se enunciam no texto. Desse lugar social, se autoriza o dizer de outros locutores que nos apresentam relações afetivas (ex-marido/ex-mulher/pai/mãe) e, sobretudo, relações sociais (patroa/empregada/assaltante/vítima/agressor) que desvelam, através da literatura, a face opressora da nossa sociedade.

Os movimentos de análise que tencionamos apresentar neste artigo demonstram que é possível ir além da análise estrutural ao nível da frase e pensar o texto como um enunciado, isto é, um todo integrado de sentidos, agenciado por um locutor que se divide na cena enunciativa para, assim, constituir texto. A perspectiva semântica aqui adotada, dessa forma, deixa pistas para se pensar modos outros de construir (e ensinar a construir) significações para os textos pelos quais transitamos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 39-42. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/187-conceicao-evaristo-textos-selecionado>, acesso em 15 de fevereiro de 2021.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 51, p. 49-68, Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. Campinas: RG, 2011.

\_\_\_\_\_. Ler um texto uma perspectiva enunciativa. *Revista da ABRA-LIN*, v. 12, n. 12, p. 189-205, jul/dez, 2013.